

GT 10 - EDUCAÇÃO, RELIGIÃO E DIVERSIDADE NARRATIVAS

INTERDISCIPLINARES

ANÁLISE DA MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO NO ESPAÇO INSTITUCIONAL E LAICO DA UNIVERSIDADE

Rafael Ribeiro dos Santos ¹

João Paulo da Silva Marinho ²

Mary Anne Vieira Silva ³

Resumo

O presente trabalho busca analisar e compreender a presença de encontros religiosos na universidade por meio de um debate que, por um lado entende-se este espaço como público caracterizado pelo princípio da laicidade, por outro lado, nele em sua dimensão teórica, se preconiza a exclusão de vertentes religiosas. Todavia, é inegável a presença legítima de diferentes frentes religiosas que, cotidianamente realizam cultos, orações e louvores. Essas formas de socializarem as pessoas por meio do sagrado promovem um espaço de conflitualidades tanto de concepções, quanto de práticas discriminatórias em relação a outros segmentos não hegemônicos. Dessa forma, pretende-se enfatizar esses momentos religiosos a partir de aspectos críticos que passam a negar à presença e o proselitismo no seio das universidades, como se sabe, a religião se ancora numa contraposição a ciência, logo, sua presença não é algo intrínseco a essência do espaço público. Isto posto, pretende-se desvelar as representações sócio-religiosas de diversos cultos ao sagrado. Ademais, é notória a sobreposição de credos que passam a negar as cosmovisões e cosmologias daqueles que foram alijados do direito a sua identidade religiosa. Nessa perspectiva, as diferentes representações do sagrado no âmbito acadêmico reforça a necessidade de problematizar esse espaço como o da reprodução do poder preeminente da sociedade fortalecendo diversas intolerâncias veladas e atribuídas a grupos minoritários.

Palavras-chave: Religião; Universidade; Representação.

¹ Acadêmico do curso de Geografia e Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/UEG. Universidade Estadual de Goiás (UEG); Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas (CCSEH). Email: rafaeldossantosrrds.rrds@gmail.com.

² Acadêmico do curso de Geografia. Universidade Estadual de Goiás (UEG); Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas (CCSEH). Email: ueg.joaopaulo@gmail.com

³ Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG); Docente do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação (stricto sensu) em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado (PPG/TECCER). Universidade Estadual de Goiás (UEG); Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas. Email: marymel2006@hotmail.com

Introdução

A temática da religião, talvez seja um dos temas menos trabalhados e mais recorrentes dentro do âmbito acadêmico, carecendo então de estudos que abordem de maneira particular o referido tema. Dessa forma, no presente texto buscam-se um entendimento a cerca das manifestações religiosas presentes no ambiente da universidade. Entende-se teoricamente que a universidade deveria ser um ambiente laico. Contudo, são diversas as práticas religiosas ocorridas dentro da instituição, visto que, os grupos religiosos se apoderam e se manifestam cotidianamente da universidade, seja de forma explícita ou implícita.

Desde o seu surgimento, a religião, atua como elemento essencial no processo de socialização das pessoas, costumeiramente são criados grupos específicos que professam a mesma crença, sob os auspícios confessionais da religião pertencentes. Em virtude do pluralismo religioso são criados então diversos grupos que representam as religiões, mas muito comum confessarem a fé cristã. Vimos que, paulatinamente, em virtude dos variados pontos de vista, acabam entrando em conflitos com praticantes de outras cosmovisões religiosas. Esses conflitos, geralmente resultam em práticas discriminatórias, que se baseiam na intolerância religiosa e na negação de grupos religiosos não hegemônicos. Em diversas vezes, os conflitos se apresentam basicamente via disputas ideológicas internas na academia. São comuns algumas ações veladas e explícitas de proselitismos dos praticantes junto à comunidade como um todo.

A universidade se apresenta como uma instituição laica e pautada na construção do saber científico, ou seja, um espaço que se contrapõe ao caráter religioso. Dessa forma, pretende-se expor em que medida a religião se apodera/manifesta desse ambiente institucional, público e científico, visto que a sua base fundamental pauta-se nas contradições e teorias explicativas por meio da ciência.

O artigo também se propõe a expressar como as práticas religiosas ocorrem nesse ambiente, bem como analisará a sobreposição de credos que atuam na negação de religiões não hegemônicas, principalmente de um lado as que são desvinculadas do cristianismo, as quais agem como doutrinárias; de outro as de matrizes africanas que se reafirmam dentro dos direitos constitucionais de liberdade e confissão religiosas. Por fim, essa contribuição pretende promover debates que desvelem as práticas e os processos de inferiorização de diferentes crenças religiosas no espaço público.

Procedimentos metodológicos

Para o desenvolvimento desse trabalho, nos pautamos essencialmente em uma análise bibliográfica de textos que contemplem a temática, bem como na apreciação empírica das mais variadas manifestações do sagrado dentro do Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás.

Desenvolvimento

A universidade caracteriza-se historicamente como uma instituição pública e social, como tal, tenta demonstrar a estrutura e o processo de funcionamento da sociedade, visto que, no seio dessa são produzidos e reproduzidos as opiniões, atitudes e projetos que norteiam os principais debates que consubstanciam os conflitos e as descobertas na e para a sociedade contemporânea. Em virtude do caráter social que a instituição passa a ter, percebe-se a representatividade desse ambiente em decorrência dessas teorias e valores socialmente estabelecidos. Por meio dessas características próprias, o ambiente acadêmico se distingue pela produção/reprodução da ciência e por sua autonomia.

434

a legitimidade da universidade moderna fundou-se na conquista da ideia de autonomia do saber em face da religião e do Estado, portanto, na ideia de um conhecimento guiado por sua própria lógica, por necessidades imanentes a ele, tanto do ponto de vista de sua invenção ou descoberta como de sua transmissão. Em outras palavras, sobretudo depois da Revolução Francesa, a universidade concebe-se a si mesma como uma instituição republicana e, portanto, pública e laica. (CHAUI, 2003, p. 05)

Embora a universidade parta do ideal de uma instituição pública, o que posteriormente a configura como um espaço laico, agindo cotidianamente como espaço de diferentes tipos de manifestações religiosas, ela ainda atua como um ambiente de inferiorização de minorias. O meio acadêmico mesmo após diversas “mudanças” em sua conjuntura, ainda age como *locus* de dizimação dos ideais hegemônicos oriundos da sociedade.

Retomando o tema, a presença de credos hegemônicos gera constantes atos de manifestações de intolerância religiosa, configurando ações de violação dos direitos humanos, as quais devem ser combatidas e debatidas no meio acadêmico. É pertinente destacar que a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), destaca em seu artigo 5º, parágrafo 6º que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na

forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias”. A religião se configura por distintas e amplas explicações, Mello (2009, p. 406) alega que:

O conhecimento religioso tem um objeto vastíssimo. Ao contrário da ciência, que restringe seu campo de conhecimento e de estudos apenas ao mundo sensível, isto é, suscetível de ser experimentado pelos sentidos, a religião existe para explicar tudo, sem exceção. Ela é tida como autoridade em todos os domínios. Tem explicação para o sentido da vida, para a origem de tudo.

Possivelmente, em virtude dessa superioridade explicativa pertinente as religiões é que são geradas a maior parte dos atos extremistas contra os movimentos religiosos, independente de qual seja a vertente espiritual.

De acordo com Silva (2009), intolerância religiosa se esboça como uma expressão que demonstra determinadas atitudes geradas pela ausência de respeito às diferentes crenças e credos religiosos praticados por terceiros, gerando modos de discriminação, perseguições pautadas na religião do outro e até mesmo casos de violência. Na maioria das vezes, as ações movidas por elementos religiosos são direcionadas a coletividades. Nos últimos anos, a cada dia, o preconceito religioso vem tornando-se mais comum em meio à sociedade moderna, motivando verdadeiras batalhas espirituais, em que o foco passa, de certo modo, a ser a sobreposição religiosa impulsionada pelo egocentrismo e imperismo do “eu” e do “meu”.

Assim, a universidade atual tem como poder religioso determinante o catolicismo, o qual se insere como a vertente religiosa com maior abrangência e número superior de praticantes dentro do país e, ocasionalmente, na academia. Por meio da ótica cristã soberana, nota-se que os demais segmentos religiosos passam a ser rotulados como “inferiores” e considerados “irrelevantes”, de acordo com o ideal cristão hegemônico. Religiões vistas como “anormais”, ligadas ao “demônio” ou mesmo aos “macumbeiros”, aspectos teoricamente postos pela sociedade tradicional e com seus preconceitos velados, tais como as religiões de matrizes africanas, passam a ser valadas/ocultadas no ambiente universitário.

De acordo com Verger (1981), as primeiras menções voltadas às religiões africanas no Brasil, datam de 1680, por meio de costumes praticados por negros na Bahia. Com isso, julga-se que o fato de discriminar as religiões de base africana, não está necessariamente ligado ao culto em si, mas quem o pratica, afinal, diferentemente do catolicismo imbuído historicamente na cultura dos brancos e ricos, as religiões de matriz africana estão vinculadas, de forma equivocada, aos negros e pobres.

Para Rosendahl (2002, p. 50), “a fé significa liberdade, uma liberdade que permite ao homem participar ontologicamente da existência de Deus, uma liberdade que encontra sua validade e seu apoio em Deus”. De fato esse caráter de libertação é necessário para a manifestação da fé, da expressão religiosa, todavia, atualmente na universidade esse elemento que confere uma “permissão” ao ato de devoção no ambiente acadêmico torna-se omissos. Os praticantes de credos invisibilizados no ambiente universitário, para evitar confrontos, acabam por negociar seus códigos, símbolos e identidades.

Considerações finais

Cabe a Geografia considerar elementos a respeito da religião, os geógrafos devem dar importância à percepção do mundo e o rico e vasto universo imaginário encontrado nas religiões e suas representações na paisagem e no espaço social. (CLAVAL, 1992 apud SANTOS, 2002).

A universidade, mesmo entendida como um ambiente laico se caracteriza pela presença de múltiplas manifestações culturais e ideológicas. Todavia, embora o direito a livre expressão do pensamento devesse ser algo comum e oferecido, a negação a diversidade acaba sendo velada e intrínseca a esse meio regido pelas forças de poder pré-eminentes da sociedade. A universidade ainda se encontra em um caminho repleto de paradigmas, ideologias e de intensa aparição do poder de segmentos controlados pelo sistema excludente.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Artigo 5º, parágrafo VI, 1988.

CHAUI, Marilena. A Universidade Pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, nº. 24, 2003, p. 05-15.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural: iniciação, teorias e temas**. Petrópolis: Vozes, 16ª edição, p. 406, 2009.

PORTELLA, Rodrigo. A Religião na Sociedade Secularizada: urdindo as tramas de um debate. Juiz de Fora – MG: **Numem – revista de estudos e pesquisa da religião**, v. 11, nº 1 e 2, p. 33-53.

ROCHA, José Geraldo da. A Intolerância Religiosa e Religiões de Matrizes Africanas no Rio de Janeiro. **Revista África e Africanidades**, ano IV, nº. 14-15 – Agosto – Novembro, 2011. Disponível em:< <http://www.africaeaficanidades.com.br/sumario.html>>. Acesso em: 13 de Setembro de 2017.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2ª edição, 2002.

SANTOS, Alberto Pereira dos. Introdução à Geografia das Religiões. São Paulo: **GEOUSP – Espaço e Tempo**, nº 11, 2002, p. 21-33.

SILVA, Jorge da. **Guia de luta contra a Intolerância Religiosa e o Racismo**. Rio de Janeiro: CEAP, 2009.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Corrupio edições e Promoções Culturais, 1981.